

## Das estórias e da História – Foi quando a família real chegou... e 1808

Ângela Balça (CIEP-UE, Portugal)

apb@uevora.pt

Olga Magalhães (CIDEHUS- UE, Portugal)

omsm@uevora.pt

### Introdução

Neste texto, pretendemos analisar e compreender o contributo dos livros para crianças e para jovens, editados à sombra das comemorações dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil, na divulgação e no conhecimento da História dos dois países. Os livros para os mais novos foram, ao longo do tempo, um veículo de divulgação histórica, através dos quais crianças e jovens tomavam contacto com heróis, factos e acontecimentos da história dos seus países. É nesta linha que se inserem as obras que apresentamos neste poster – *Foi quando a família real chegou... e 1808*.

Deste modo, procuramos, neste texto, comparar o Brasil que é apresentado e descrito nestas obras, de autores brasileiros e editadas no Brasil, com o Brasil que é ou não é apresentado e descrito aos jovens portugueses, quer nos programas oficiais do Ministério da Educação quer nos manuais escolares. Assim, é nosso objetivo chamar a atenção para as obras de divulgação histórica para os mais novos, não só na promoção da leitura, mas também, neste caso em particular, no fomento do conhecimento mútuo de dois povos, dois países e duas Histórias, que se interligam profundamente.

### *Foi quando a família real chegou... e 1808*

É no âmbito das comemorações dos 200 anos da chegada corte portuguesa ao Brasil que são publicadas, neste país, em 2008, as obras *Foi quando a família real chegou...*, da autoria de Lúcia Fidalgo, e *1808. Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*, assinada por Laurentino Gomes, sendo esta última editada, meses depois, em Portugal. Tendo como potenciais leitores as crianças e os jovens, estas obras cumprem claramente alguns objetivos, como assinalar e comemorar o facto histórico já mencionado, mas também, nas palavras de Laurentino Gomes, “contribuir para que esse acontecimento, tão importante na história de ambos os países, se torne cada vez mais conhecido pelos leitores brasileiros e portugueses.” (GOMES, 2008, p. 10).

Profusamente ilustradas, a primeira por Andréia Resende e a segunda por Rita Bromberg Brugger, estas obras são ricas em paratextos, que convidam os mais novos à leitura. Por outro lado, estes paratextos têm como objetivo facilitar a leitura das crianças e dos jovens, uma vez que estamos perante textos que apostam na divulgação histórica, exigindo aos seus leitores que mobilizem a sua competência enciclopédica. Assim, da obra *Foi quando a família*

*real chegou...* destacamos o texto da contracapa e o texto informativo intitulado “Você sabia?”. O texto da contracapa convida os leitores mais pequenos a viajar no tempo, através da leitura, “Que tal voltarmos ao Brasil, no ano de 1808, e ver desembarcar no porto da cidade do Rio de Janeiro a Família Real portuguesa?” (FIDALGO, 2008, contracapa). Este aceno ao leitor é complementado com uma rápida explicação sobre a situação de Portugal na época, que originou a chegada da família real portuguesa ao Brasil. O texto informativo, já anunciado na contracapa, auxilia o leitor mais novo a compreender a narrativa em si, aumentando a sua competência enciclopédica. Em “Você sabia?” surgem-nos informações sobre o Brasil da época, sobre factos e acontecimentos, pessoas, locais, alguns ainda hoje visitáveis.

Na obra *1808* destacamos, nos paratextos, as ilustrações que, de acordo com Balça, Magalhães e Costa (2010), são ricas em pormenores e, geralmente, apresentam-se acompanhadas de legendas próprias ou com citações do texto, elucidando o desenrolar da narrativa. Ainda nesta obra, damos ênfase a outros paratextos, presentes na contracapa, nas guardas, a Introdução e a Linha do tempo. Estes paratextos partilham dos mesmos objetivos e encerram as mesmas finalidades que os presentes na obra de Lúcia Fidalgo, confirmando que continua a haver um entendimento desta matriz literária como uma matriz formativa.

## O Brasil representado nos livros

Escritas e publicadas inicialmente no Brasil, é provável que estas obras apresentem uma visão e uma versão da História eventualmente diferentes daquelas que são veiculadas em Portugal. Que Brasil é este que chega aos jovens leitores portugueses? Ambas as obras, naturalmente com diversos graus de profundidade, se centram na chegada e na permanência da família real portuguesa, em Terras de Vera Cruz, no período entre 1808 e 1821. O ponto de vista dos narradores centra-se do lado brasileiro e apresenta o Outro (neste caso os portugueses) de uma forma nem sempre muito abonatória. Os portugueses são vistos como invasores (Fidalgo, 2008) e são encarados como ganaciosos, arrogantes e abusadores, perdulários, depauperando o erário régio em desfavor da causa pública (Gomes, 2008). Brasil e Portugal são apresentados, nas duas obras, como dois mundos diferentes, em contraste: de um lado uma metrópole antiquada e extrativista (Gomes, 2008), que não tinha em conta os interesses do povo brasileiro (Fidalgo, 2008); do outro, uma colónia infinitamente maior (Fidalgo, 2008), com um clima tropical e com uma população maioritariamente negra (Gomes, 2008).

Nas duas obras prepassam os múltiplos acontecimentos que marcaram este período da corte portuguesa no Brasil. Assim, assistimos à promoção das mais variadas benfeitorias como a criação do Banco de Brasil, do Hospital da Misericórdia, do Teatro São João ou a instalação da Real Biblioteca, sendo dada especial ênfase à abertura dos portos brasileiros ao comércio com o exterior. O quotidiano da corte e, particularmente, da cidade do Rio de Janeiro na época, é amplamente descrito nestas obras. Nelas podemos encontrar a vida oficial e privada de D. João VI, as peripécias de D. Carlota Joaquina, mas também a vida das famílias e dos escravos, nos seus múltiplos afazeres; nelas convivemos com o crescimento da cidade do Rio de Janeiro ou com a atuação da Missão Artística Francesa.

De acordo com Balça, Costa e Magalhães (2010), referindo-se à obra assinada por Laurentino Gomes, assistimos nela à criação de um novo país, sendo que

“A imagem da criação desse novo país por parte de uma corte europeia, volumosa, excessivamente onerosa e forçada ao exílio, é construída tendo como base a apresentação, razoavelmente sistematizada, dos factos que permitiram ir dotando a colónia de condições favoráveis à autonomia intercalada com a denúncia dos desmandos da Coroa e das assimetrias provocadas pela difícil articulação dos dois mundos em confronto.” (BALÇA, COSTA e MAGALHÃES, 2010, p. 216).

Que sabem os jovens portugueses desta passagem da corte de D. João VI pelo Brasil? O que encerram os programas escolares da disciplina de História em relação a esta época? Como é que esta época é apresentada nos manuais escolares? Estas são questões que se levantam e que se colocam após a leitura destas obras e após a publicação, em Portugal, da obra assinada por Laurentino Gomes.

#### O Brasil apresentado aos jovens portugueses: programas escolares/manuais

Ora, do lado dos programas escolares, o tema surge no quadro do estudo da Revolução Liberal Portuguesa de 1820.

O programa de História do 8.º ano de escolaridade (Ministério da Educação, 1991), no tema “O triunfo das Revoluções Liberais”, é abordada a revolução liberal portuguesa, como objeto de estudo autónomo. No entanto, nos manuais, a saída da corte portuguesa para o Brasil é apresentada como uma solução, que se esperava transitória, para a iminente chegada dos exércitos franceses e a mais que provável derrota portuguesa. Mas o assunto não é central e é antes visto como uma “alavanca”, pelas suas sequelas, para a revolução liberal.

Já no 6.º ano de escolaridade o programa (Ministério da Educação, 1999) é mais explícito: incluído no tema “1820 e o triunfo dos liberais”, um primeiro subponto “as invasões francesas” refere explicitamente a saída da corte para o Brasil. Consequentemente, os manuais detalham um pouco mais quer as razões quer as consequências dessa saída. É assim que alguns manuais contextualizam a decisão do príncipe D. João de abandonar o território continental no âmbito da ofensiva francesa na Europa – a relutância portuguesa em cumprir o Bloqueio Continental e fechar os portos portugueses à navegação britânica fez com que essa determinação só tardiamente fosse acatada por Portugal, quando os exércitos francês e espanhol caminhavam já para a invasão do território. É como resposta a essa invasão que é apresentada a saída do regente e de toda a corte para o Brasil. Os manuais detalham seguidamente as três invasões francesas do território nacional e a ausência da corte volta a ser referida quando são abordadas as consequências dessas invasões – Portugal, nas palavras de Alexandre Herculano, “tinha-se tornado uma colónia inglesa”. Assim, a ausência da família real é mais um ingrediente, que somado às pilhagens francesas e ao domínio britânico, contribui para um progressivo aumento do descontentamento popular que culminará com a revolução de 1820.

Constata-se pois que quer nos programas quer nos manuais, não há referências à estadia da corte no Brasil. Não constam dos programas escolares portugueses os sucessos ocorridos no Brasil, decorrentes da presença da família real – apenas se referem a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, a criação do Banco do Brasil e a evidência do pouco desejo de D. João regressar a Portugal. Ausentes dos manuais estão os detalhes da chegada ao Brasil, o quotidiano da corte emigrada ou a realidade brasileira do início do século XIX.

Podemos pois concluir que os programas e os manuais escolares ignoram a presença da família real no Brasil e o que se passa nesse território no período entre a chegada e a partida da corte portuguesa.

## Conclusões

A leitura da obra de Laurentino Gomes, *1808*, pelos jovens portugueses, irá certamente mostrar-lhes aquilo que a escola portuguesa praticamente ignora – a presença e a atuação de D. João VI em terras brasileiras; acreditamos que a leitura destas duas obras pelos jovens brasileiros lhes mostrará e enquadrará este episódio da História de Portugal e do Brasil, levando-os a uma melhor compreensão da génese da sua própria nação. A publicação destas obras, associadas às comemorações dos 200 anos da chegada ao Brasil da família real portuguesa, revela-se uma oportunidade muito interessante para os jovens de ambos os países. Se por um lado podemos pensar na promoção da leitura entre os mais novos, por outro lado associamos-lhe a divulgação histórica. No dizer de Eduardo Lourenço (2008, p. 49), a questão que se coloca ao mundo que fala português é a de “*um diálogo cultural efectivo*” entre todos os habitantes, uma vez que “*O nós da nossa língua é hoje e há muito plural, mas é mais claramente multicultural*” (LOURENÇO, 2008, p. 47). Cremos que iniciativas como estas são um contributo real e efetivo para um conhecimento mútuo, cada vez maior e mais alargado, da língua, história e cultura dos dois países, fazendo-se um claro apelo à diversidade de uma forma multiperspectivada.

## REFERÊNCIAS

- BALÇA, Ângela; MAGALHÃES, Olga; COSTA, Paulo. Visto de lá: a corte portuguesa no Brasil contada aos mais novos. Educare/Educere. Castelo Branco: Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Edição fora de série, 2010, p.183-195
- BALÇA, Ângela; COSTA, Paulo; MAGALHÃES, Olga. 1808: um exílio voluntário, um novo país. In: IX Jornadas Andinas de Literatura Latino-Americana (JALLA), 2010, Rio de Janeiro. Anais do Jalla Brasil 2010, Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 2010. p. 214-217 [CDROM]
- FIDALGO, Lúcia. *Foi quando a Família Real chegou...* São Paulo: Editora Paulus, 2008.
- GOMES, Laurentino. *1808. Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil.* São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- HERCULANO, Alexandre. *Opúsculos*. Project Gutenberg - Free eBooks, 2010. Disponível em: [http://www.gutenberg.org/ebooks/search.html/?default\\_prefix=author\\_id&sort\\_order=downloads&query=3118](http://www.gutenberg.org/ebooks/search.html/?default_prefix=author_id&sort_order=downloads&query=3118) Acesso em: 09/04/12

LOURENÇO, Eduardo. Da língua como pátria. In *Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*, 2007, Lisboa. *Conferência Internacional sobre o Ensino do Português. Actas*. Lisboa: Ministério da Educação, 2008, p. 45-50.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico. 2.º Ciclo. Programa de História e Geografia de Portugal - 2.º Ciclo*, 1999. Disponível em: <http://temporario.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=28&ppid=3> Acesso em: 10/04/12

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Organização Curricular e Programas. Ensino Básico. 3.º Ciclo. Programa de História - 3.º Ciclo*, 1991. Disponível em: <http://temporario.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=49&ppid=3>

Acesso em: 10/04/12